

Benedito José de Carvalho Filho*

“O que está acontecendo com a gente, macho?”

(Notas para pensar a crise nas relações
de gênero em Fortaleza)

RESUMO: Este artigo é parte de um projeto de pesquisa mais amplo. Levanta questões realizadas à crise nas relações entre homens e mulheres em uma sociedade onde são fortes as marcas do particularismo.

Palavras-chave:
Relações de gênero;
mudança social.

Não é preciso uma observação tão acurada para perceber que algo anda mal na relação homem-mulher nesta cidade e em todo mundo. Nas conversas pelos bares, na universidade, nos locais de trabalho, em publicações variadas, é possível perceber os contornos e os sintomas dessa crise: insatisfação de ambos por não corresponderem aos papéis desejados, separações e ressentimentos mútuos, excesso de idealização de um *amor romântico* que sempre acaba, segundo uma expressão bastante reveladora, sendo uma *propaganda enganosa*. Parece até que a frase *sartreana* assume toda a dramaticidade e veracidade: o *outro* parece ser *um inferno* de verdade.

É verdade que a relação entre os dois sexos ao longo da história nunca foi um mar de tranqüilidade, como nos mostram as mitologias, os documentos históricos e a literatura. O próprio Freud, com seu ardor iluminista, já lançava no ar a sua fatídica pergunta: “*Afinal, o que querem as mulheres?*” E não

conseguia responder. Achava que, por debaixo das tranças de uma mulher, se escondia um mistério inefável, impossível de ser revelado pela razão, acrescentando, dessa forma, mais um estigma ao *feminino*.

Na segunda metade do século XX para cá, no entanto, as mulheres não esperaram as respostas dos homens e foram a luta, exigindo os seus direitos em uma sociedade nitidamente falocêntrica.¹ O certo é que o movimento feminista foi um dos únicos movimentos sociais que realmente deu certo e vingou, emancipando a mulher da opressão masculina, quer no trabalho, como no lar. A pílula anticoncepcional a liberou do fardo da maternidade indesejada e o sexo pode ser vivenciado como prazer sem o *fantasma* da procriação. O trabalho trouxe-lhe a emancipação econômica e, hoje, apesar da discriminação, podem se libertar da tirania masculina de ser seu único provedor. O patriarcalismo, com seu conjunto de valores, começa a fazer água e, a medida que se acelera a modernidade, alteram-se os papéis, criando novos *desmapeamentos*.

Não vou me alongar em detalhar os avanços da mulher nessa época, um assunto por demais evidente e objeto de muitas análises e interpretações por parte de pesquisadores e pesquisadoras de todo o mundo. Minha interrogação vai numa direção um pouco diferente.

O que ocorre em uma sociedade como a cearense onde o patriarcalismo é tão forte em todas as suas manifestações (quer na vida privada - lar - como na vida pública - nas relações de poder, na vida societária, de uma maneira em geral)? O que vem ocorrendo em uma sociedade onde os homens pontuam suas formas de tratamento com dizerem tipo “macho” (“*está ouvindo, macho!*”, “*onde tu vais, macho!*”, etc), com conotações tipicamente machista ?

A reação masculina frente a emancipação feminina tem sido pouco estudada entre nós. O estudos de gênero, as vezes confundido como estudos feministas, enfatizaram até uma certa época a mulher. Mas, o que estará acontecendo com os homens dessa cidade, nessa época de desmanche de papéis e valores ?

Eis ai um tema para ser estudado mais de perto. Mas, para isso é necessário escutar o que os homens *dizem* (e o que não *dizem*).

¹ Falocentrismo é a tendência a privilegiar as características e os valores masculinos, em detrimento das características e dos valores femininos. Isso se manifesta em todos os aspectos, como a construção da subjetividade, como na vida material que nos envolve culturalmente, assim como nos sentimentos. A construção do saber, a ciência, o poder, não está desvinculado disso.

Neste artigo, que, espero, seja provocador, gostaria somente de levantar algumas questões sobre o *mal estar* masculino. Ele é parte de um projeto mais amplo de estudo que estou desenvolvendo sobre o tema.

Por que estudar o masculino?

Estudar as relações de gênero e as transformação de comportamento nas relações de gênero na cidade de Fortaleza é um desafio que requer muita observação, principalmente em um contexto de aceleração da modernidade, com todos os seus *desencaixes*, conforme a expressão de Giddens (1991).

O meu interesse pela temática vem sendo constante nas reflexões desde o momento em que passei a me preocupar com questões relacionadas às mudanças sociais em contexto de aceleração da modernidade - urbanização, estilos de vida, os reordenamentos dos espaços sociais, a industrialização e os conflitos sociais -, assim como pelo que denomino de *destruição e criação de uma nova subjetividade*, o que pode ser compreendido como mudanças visíveis no plano dos valores e comportamentos à partir de contextos determinados.

Isso vem me desafiando e exigindo um olhar mais amplo, pois ao me defrontar com o estudo das representações e do imaginário, me obriga incursionar, muitas vezes, pela antropologia, psicanálise e a literatura, assim como um maior mergulho na complexa realidade local, com toda sua singularidade e contradições.

A interrogação básica que está sob o pano de fundo de minha questão, e que sempre retorna, parte de uma constatação aparentemente óbvia, mas que, segundo meu ponto de vista, necessita ser mais explorada se quisermos sair do campo das generalizações que tendem, muitas vezes, a abstrair os contextos regionais específicos: a sociedade brasileira - e, em particular, a cearense e a nordestina - é marcada por uma cultura escravista e colonial, onde a expressão mais visível no plano dos comportamentos e valores é o patriarcalismo. Essa *cultura*, ou *traço cultural*, como se queira denominar, está em crise com a aceleração daquilo que vem se denominando “*modernidade tardia*”, ou “*alta modernidade*”, “*modernidade avançada*” ou “*pós-moderna*”, onde o acento mais comum no discurso do cotidiano é a flexibilidade, a pluralidade, a

heterogeneidade dos comportamentos, assim como as incertezas, geradores de “crises” que compõem os cenários desses “novos tempos”: “*crise da família conjugal moderna*”, “*crise nas relações de gênero*”, para ficarmos só nessas dimensões.

Desde o final dos anos sessenta, com a aceleração da modernização e o crescimento e diversificação das camadas médias nas zonas urbanas no Brasil, vem se alterando os padrões de valores e comportamento, em ritmo, naturalmente, diversificados. Com a intensificação da modernidade, - que integra, através de vários meios, as culturas nacionais e regionais - e o processo chamado de *globalização*, isso se torna mais visível. Não é por acaso que somente nos anos 80 a literatura sociológico, antropológica e psicanalítica vai falar em crise de família, no novo papel do homem e da mulher e no *mal estar* de uma sociedade que vê seus valores tradicionais alterados radicalmente. A “*cultura psi*”, surgida no eixo mais dinâmico da modernidade, desenvolvem-se em um momento em que os *desencaixes* já eram visíveis e colocavam para os pesquisadores novas questões.

Minhas interrogações, portanto, voltavam-se para as seguintes questões: de que forma isso vem ocorrendo no plano da subjetividade em uma região de *modernidade tardia*, onde é forte os traços de uma cultura patriarcal e autoritária? Se a cultura, como sabemos, não é um mero reflexo automático do que ocorre no plano material, de que forma contraditória ela se manifesta localmente no plano dos comportamentos e valores? Que continuidades e descontinuidades são passíveis de serem observados, principalmente em uma região que tem a “*Casa Grande Senzala*” como a marca mais emblemática de sua vida cultural?

Isso, naturalmente, remete às estruturas de poder secularmente estabelecidas, como o latifúndio, as relações servis e escravocratas, aos coronéis e *coronelismo*, com tudo que eles representaram (e representam) em termos culturais na região. De imediato, o reconhecimento dessa realidade me levou ao desejo de estudar a família, pois compreendia - e compreendo - que é também em função dela que se estrutura e se mantém o poder na região. Familismo, despotismo, patriarcalismo, machismo, opressão sexual da mulher, mandonismo e outras manifestações de conservadorismo, são objetivações da estrutura de poder em um contexto como esse e não se dissolvem de uma hora para outra. Nem, tampouco, são meros epifenômenos derivados da realidade econômica e inferidos de forma linear e mecânica.

Foi com essa perspectiva que me voltei para o estudo da família em onde deixei muitas questões e pistas em aberto. Uma delas se refere a essa marca cultural na cultura local. E concluí:

“Poderíamos dizer que as formas culturais assumidas pela família patriarcal constitui um dos “nódulos duros” e resistentes da estrutura que não só costura o conjunto das relações sociais no campo da vida privada, como também é o elemento fundamental para a manutenção da estrutura de poder local. A história da sociedade local, vista desta perspectiva, pode ser olhada pela ótica de como, concretamente, se deu (e ainda vem se dando) esse “pacto patriarcal”, agora em crise.” (Carvalho, 2000)

Ao dar um enfoque privilegiado a essa questão, estudando a família, creio que abri um imenso campo de problemas que ainda demandam estudos mais específicos na esfera dos valores e comportamentos. Compreender as transformações da família e estabelecer a conexão entre as subjetividades que se produzem à partir do momento em que se intensifica a modernidade nesse movimento de destruição e recriação exigiu, em um primeiro momento, um trabalho exploratório um pouco abrangente, sob o risco - inevitável - de fazer generalizações apressadas.

Assim, desejei dar continuidade em alguns aspectos das pesquisas que empreendi sobre a família detendo-me no que eu chamo de “*crise de relações do gênero*” em Fortaleza, pois compreendo que o desmoronamento dos antigos valores coloca novas questões não só para constituição de novas formas de convivência na família, mas no relacionamento em geral do homem e da mulher em geral.

Ao longo da leituras de jornais e da literatura da região e de outras partes do país e do mundo e observando o mundo cotidiano de homens e mulheres com quem tenho a oportunidade de um contato mais próximo, - parte de meu universo social - observo mudanças significativas na compreensão dos papéis sociais tanto dos homens como das mulheres. Algumas mudanças são tão visíveis, quanto impossíveis de serem pensadas décadas atrás, principalmente no que se refere ao comportamento das mulheres.

O que vem mudando e o que permanece nas relações entre sexos aqui em Fortaleza? O que querem os homens e as mulheres ? Quais as diferenças e semelhanças entre os desejos e as experiências masculinas e femininas no

que se refere à conjugabilidade e a sexualidade ? Como os homens e mulheres aqui em Fortaleza vêm lidando com as rápidas mudanças que afetam os papéis de gênero ? Como se dá a convivência entre os modelos considerados tradicionais e os “novos” modelos de masculinidade e feminilidade ? Quais as causas apontadas, por homens e mulheres, para as dificuldades e os problemas enfrentados nos relacionamentos atuais ? Aparecem (ou não) indícios de uma crise entre os sexos ?

Ao levantar esse conjunto de indagações desafiadoras, parto, certamente, do pressuposto, como já apontei anteriormente, que em um mundo de *desencaixes* e grandes transformações ambos o sexos são levados a realizar mudanças fundamentais em seus pontos de vistas e em seu comportamento, em relação um ao outro.

Mas, como sabemos, essas mudanças não ocorrem de modo homogêneo. Alguns grupos estão à margem e não se colocam esse tipo de problema, ou tentam resistir a elas. Mas no meio da *classe média*, mesmo que restrita, estão ocorrendo mudanças substanciais em relação a valores tradicionais característicos de um estilo de vida mais tradicional de várias décadas atrás. Para as pessoas que vivem nestes contextos, as transformações que estão ocorrendo são dramáticas e perturbadoras. Procurar escutá-las e compreendê-las é uma tarefa complexa e, ao mesmo tempo, desafiadora, pois como lembrou Calligaris (1996)

“é no foro íntimo de uma cultura individualista onde se decidem as realidades sociais”, pois “o fato social é, de antemão, um drama interno do sujeito”.

O desejo de compreender a família e, por extensão, a crise nas relações de gênero é parte de uma preocupação não só sociológica e, portanto, acadêmica. Ao mergulhar nessa temática e escolhê-la como campo privilegiado de estudo busco a compreensão da construção (e desconstrução) de minha própria subjetividade, alicerçada em uma cultura ibérica, latino americana, com tudo que representa em termos de machismo que habita meu mundo inconsciente.

Considero esta área de conhecimento muito relevante para um maior conhecimento das transformações recentes da vida social em Fortaleza, hoje uma cidade com mais de 2 milhões de habitantes (a quinta maior do país em termos populacionais), onde as atividades voltados para o turismo, a industrialização crescente, o comércio, a vida urbana, de uma maneira em

geral, solapam de forma decisiva os velhos comportamentos e valores e criam novas formas de ver o mundo, à proporção que a sociedade local se integra - direta e indiretamente - aos centros da modernidade. Se a *modernidade periférica* não repete a modernidade “clássica” do centro do capitalismo, nem por isso ela deixa de ser iconoclasta, embaralhando o novo e o velho, o tradicional e o moderno. Compreender como vem se dando isso em um contexto regional é uma contribuição importante para a sociedade local, principalmente em uma área onde são escassos os estudos de gênero e família.

Do que estamos falando?

Estou considerando o termo “gênero”, e “relações de gênero” como conceitos que se distinguem do conceito biológico de sexo. Gênero, aqui, é compreendido tal como o define Joan Scott (1990):

“como uma construção sócio cultural dos papéis masculinos e femininos (padrões de comportamento, representação socialmente compartilhada) e distingue-se de sexo (o domínio biológico do homem e da mulher)”

Essa “*construção sócio-cultural dos papéis*” se expressa em muitas áreas da vida social. Inclui a cultura, a ideologia e as práticas discursivas, não se restringindo somente a elas. A divisão do trabalho por gêneros, no lar e no trabalho assalariado, a organização do Estado, a sexualidade, a estruturação da violência e muitos outros aspectos da organização social contribuem para a construção das relações de gênero.

A desigualdade de gênero está associada ao patriarcalismo, que conceitua a desigualdade de gênero como socialmente estruturada. Chamado, também, de “*patriarquia*”, é um sistema social em que os homens dominam, oprimem e exploram das mulheres. É um conceito que enfatiza a inter-relação entre os modos em que os homens tem poder sobre as mulheres (incluindo a reprodução, a violência, a sexualidade, o trabalho, a cultura e o Estado).

Sabe-se, entanto, que as desigualdades entre sexos não está restrito somente ao modelo de *patriarquia* clássico. As teorias da *patriarquia* consideram existir uma fundamental divisão de interesses entre a maioria das mulheres como resultado da estruturação social das relações de gênero. O conceito, segundo alguns autores, não leva em conta outras formas de desigualdade social, como *classe* e “*raça*”.

É fundamental balizar, mesmo que ligeiramente, a amplitude dos problemas que uma abordagem desse tipo requer.

Percebe-se de imediato que as opções de estudo são variadas. Poderíamos, por exemplo, nos voltar para a análise das práticas discursivas em diversos níveis. Uma opção, por exemplo, seria focar o nosso campo de interesse em uma das estruturas onde se manifesta mais fortemente toda uma cultura patriarcal: o lar familiar, analisando as mudanças de papéis e as desigualdades existentes no seu interior, como fiz na pesquisa que desenvolvi sobre a família.

Outro enfoque seria analisar as práticas discursivas dos homens e mulheres no mundo do trabalho e relacionar com as questões de gênero. Sabe-se, por exemplo, que a compreensão da mulher sobre seu novo papel social, tanto na família como na sua relação com os homens, vem sendo radicalmente mudada, alterando sua identidade e sua subjetividade.

Uma outra possibilidade : analisar a crise das relações de gênero concentrando-nos nas representações que as mulheres e os homens fazem da violência (analisadas, na maioria dos estudos mais recentes. Como a violência dos homens contra as mulheres). Quase não existem trabalhos sobre as razões mais profundas que levam os homens a utilizarem a violência contra as mulheres, nem documentação que registre a violência contrária. O discurso feminista tem analisado essa violência como forma de controle dos homens sobre as mulheres. Em geral a abordagem mais freqüente sobre o assunto é aquela que enfatiza as “falhas do Estado” na proteção das mulheres não se aprofundando em análises mais detalhadas sobre as razões da violência. Em geral, os trabalhos - pelo menos em Fortaleza - têm sido mais de registro estatístico, que servem para caucionar o discurso feminino. Um estudo em profundidade sobre as razões da violência - tanto masculina como feminina - poderia revelar aspectos ainda não estudados sobre a crise nas relações de gênero.

Existem análises surgidas mais recentemente, enfocando a relação de gêneros, principalmente, em um dos pólos: no caso, o discurso masculino. Alguns autores vêm debruçando-se sobre esta linha de pesquisa.

Goldenberg, (2000), por exemplo, vem afirmando que:

“durante décadas os estudos de gênero foram feitos quase exclusivamente por pesquisadoras femininas, passando, nos últimos anos, a despertar o interesse de pesquisadores não

militantes, assim como antropólogos, sociólogos e historiadores renomados, como Pierre Bourdieu, Anthony Giddens e Chistofher Lasch. Tal mudança no perfil dos estudiosos pode ser pensada como reconhecimento da importância do gênero como variável cada vez mais explicativa da sociedade atual.”

Fala-se atualmente em “*crise da masculinidade*” como um “*dilema contemporâneo*”, levando os homens a um questionamento de seu antigo papel social. Nolasco (1995), formula a amplitude dessa crise quando constata um,

“desejo de mudança associado a uma crítica ao papel socialmente desempenhado por eles diante das mulheres.”

“Um pequeno número de homens brasileiros, individualmente, começam a repensar como constróem seus vínculos afetivos e de trabalho fora do crivo do estereótipo social para eles definidos. Estes indivíduos buscam encontrar caminhos próprios para as suas vidas, ampliando-os para além da redução a que ficaram submetidos pelo patriarcado que separa a “vida de um homem” da “vida do macho”. Neste sentido, procuram compreender as razões que fizeram adotar um padrão de comportamento a que obedecem cegamente. Como consequência, os homens reproduzem os valores de um modelo social que os tutela e controla seus desejos. Tal controle é mantido pela simplificação a que fica remetido a subjetividade, bem como por meio de uma possível compreensão biológica de sua existência. Assim, os homens tornam-se crédulos de que sua força física, definida pela massa muscular, os manteria eternamente senhores do mundo. Os homens interessados em repensar sua forma de adesão à vida começam a avaliar o “preço que pagam” para manter a senhorilidade, e se perguntam se vale a pena sustentá-la.”

A afirmação do autor me leva a indagar: estaria havendo por parte dos homens, no contexto em que estamos considerando (Fortaleza), uma maior consciência dessas transformações, ou as formas de manifestações (objetivas e subjetivas)têm sido mais reativas, face as transformações que os homens está

sendo obrigado a vivenciar em suas práticas cotidianas? Ou sendo mais específico: de que forma vem sendo afetada toda uma subjetividade “machista” em uma cultura patriarcal como a nordestina a proporção que os homens percebem a mudança de papéis e valores, principalmente em relação as suas expectativas em relação às mulheres, que não aceitam mais os antigos modelos de comportamento, quer na família (como *reprodutoras* e “*donas de casa*”), como na vida pública?

Sendo mais específico: em um contexto de igualdade de direitos sociais que aos poucos vão sendo conquistados, como os homens vêm repensando a sua vida afetiva, sexual e profissional? Que tipo de práticas discursivas vem formulando para explicar o seu papel? Que tipo de queixas manifestam-se nas suas *falas* sobre as mulheres?

Este será o meu foco de interesse ao estudar a crise na relação de gênero: a perspectiva masculina.

Isso, no entanto, exige alguns esclarecimentos.

Uma pesquisa nesta direção e com as condições existentes não poderá ser abrangente demais. Sabemos que nem todas as camadas sociais vivem a crise nas relações de gênero na mesma intensidade e da mesma forma. O risco em uma pesquisa mais ampla é generalizar a análise de comportamentos de uma classe, ou um extrato dela, para as outras classes.

Rastreando a discussão

Os estudos sociológicos, antropológicos e históricos que tentam dar conta das transformações nas relações de gêneros possuem enfoques bem diferenciados.

Para GIDDENS, (1992) que está preocupado em estabelecer as relações entre o movimento mais amplo gerador das transformações (a modernidade) e as que ocorrem no plano da intimidade, está ocorrendo mudanças fundamentais na relação homem e mulher, no que diz respeito, principalmente, a sexualidade. Diz ele:

“As mulheres não admitem mais a dominação sexual masculina, e ambos os sexos devem lidar com as implicações deste fenômeno. A vida pessoal tornou-se um projeto aberto, criando novas demandas e novas ansiedades. Nossa

existência interpessoal está sendo completamente transfigurada, envolvendo todos nós naquilo que chamarei de experiências sociais do cotidiano, com as quais as mudanças sociais mais amplas no obrigam a nos engajar.”

Essas mudanças, como sinaliza o próprio autor, ocorrem principalmente no plano da sexualidade, na relação entre homens e mulheres e como ambos vivem seus desejos. Valores como virgindade, casamento, fidelidade e envolvimento afetivo, passam, em graus diferenciados, por grandes transformações e, para muitos, elas “são dramáticas e perturbadoras.”

Vaitsnam (1995), associou esse movimento, como fez Giddens, à modernidade no seu movimento de destruição criadora, mostrando que, sob as bases das transformações encontra-se algo mais profundo, que manifesta-se não só na esfera da intimidade, mas em todas as esferas sociais, principalmente na produção. A flexibilização das relações de gênero, com seus novos contratos sociais, seriam uma espécie de epifenômenos, aprofundados nessa época de pós-modernidade do capitalismo flexível. A corrosão do velho pacto patriarcal e o estabelecimento de novos tipos relações seriam produtos direto das modificações econômicas e culturais, atingindo diretamente todas as relações sociais. Giddens nos adverte, por exemplo, para o que ela chamou de “*mudança de sensibilidade*”, onde homens e mulheres parecem estar em busca de relações menos pautadas por valores tradicionais, onde os papéis eram mais definidos e vividos como algo fixos e expectativas de eternidade.

O que parece estar em crise é o conjunto das relações sociais e os paradigmas que as regulavam. De uma sensibilidade ancorada na idéia da ordem e estabilidade, passamos para uma cultura que ressalta o efêmero, o fugidio e o incerto.

Rolnick (1998), também ressalta a crise das relações entre homens e mulheres, vivida pelas pessoas, segundo ela, como “*um verdadeiro trauma*”, onde “o mais comum é negar a intensidade das mudanças que o corpo está vivenciando”. Diz ela:

“A irreversível autonomia conquistada pela mulher transformou irreversivelmente sua fêmea, a forma de seu desejo. No entanto, essa fêmea continua apresentando-se com uma linguagem de outro tempo. Da boazinha do lar

à boazuda da rua, sempre variações em torno da figura da mulher inteiramente dependente do homem: ser desejada por ele é a fonte de todo seu valor; mas seu própria sensação de existir. Cumprindo essa função vital, o macho ganha lugar de objeto principal, para não dizer exclusivo, no desejo da fêmea”.

Pelo lado masculino, também, essa subjetividade emerge mostrando todo seu lado ambíguo e conflituoso, pois:

“se no padrão do desejo anterior a mulher tinha o homem a fonte de todo o seu valor; o outro lado da moeda é que o homem extraía a prova exclusiva de sua existência desse estatuto que a mulher lhe atribuía. Ora, no corpo da mulher automizada, ele capta uma dupla mensagem: no visível, o que esse corpo continua a lhe dizer é que ele é o principal senão o único objeto de seu desejo; mas no invisível, o que o corpo transmite é que se diversificaram os investimentos de seu desejo, e que o lugar que o macho ocupa não pode ser o mesmo. Diante dessa mulher transformada, que ainda gagueja uma nova linguagem de fêmea, ele não se sente sinceramente convocado como macho. Habitado a reconhecer-se através do desejo da fêmea inteiramente investido nele e de sua total dependência para existir; o homem não encontra no olhar ambíguo dessa nova mulher o espelho de sua virilidade. Preso, como as mulheres, a um padrão de erotismo de outro tempo, esse homem se estranha, apavora-se, fragiliza-se.”

Bourdieu (1998) nos mostra, ao estudar uma determinada sociedade, que:

“a divisão de gêneros inscritas na ordem social das coisas se encontram no corpo, nas formas de disposição, e se tornam princípios subjetivos de visão, categorias cognitivas através das quais os indivíduos vêem e constroem o mundo como realidade significativa viva. Tais esquemas de percepção estão de acordo com a ordem objetiva das coisas e nos inclinam a tomar o mundo como dado. Essa concordância espontânea entre as estruturas sociais e as

estruturas cognitivas - quando ocorre - é a base da experiência dóxica da dominação masculina, como inscrita na natureza das coisas, invisível, não questionada”.

Foi o que observou na sociedade cabila,

“uma ordem masculina(...) que se impõe como auto-evidente e universal(...) em perfeita e imediata concordância que se estabelece entre, por um lado, estruturas sociais, como as expressas na organização social do espaço e tempo e na divisão do trabalho, e, por outro, estruturas cognitivas inscritas nos corpos e nas mentes.”

A dominação (e a sua *naturalização*) ocorre pela educação que exerce, *“uma ação psicossomática que leva à somatização da diferenciação sexual, ou seja, da dominação masculina. Assim, os “ritos de iniciação”, “a construção do corpo biológico”, a “codificação simbólica do ato sexual”, a “somatização das relações entre gêneros”, são os elementos estruturadores e estruturantes dessas relações.*

Não é o caso de, neste momento, fazer uma descrição minuciosa das teorias do autor, mas ressaltar a importância de seu enfoque se desejarmos ultrapassar a visão descritiva e superficial nas relações de gênero, ou, como sugere Barreiro(1999), seguindo os passos do autor, de,

“observar a dominação masculina (e, também, a relação entre os sexos, diríamos) menos como uma postulação teórica a priori, do que como hipótese a ser pensada no plano concreto dos diferentes contextos.”

Compreendemos, a partir desta perspectiva, que, ao tentar dar conta do masculino, teremos que compreender teoricamente as formas como são construídas as representações, pois, como nos mostra o mesmo autor,

“a masculinidade está costurada no habitus, em todo a habitus, tanto do homem como da mulher. A visão androcêntrica do mundo é o senso comum de nosso mundo porque é imanente ao sistema de categorias de todos os agentes, inclusive as mulheres (e, portanto, as teorias feministas)”.

* Cito alguns desses estudos: o trabalho de Andrew Tolson. *Os limites da masculinidade*, Assirio & Alvim, Lisboa; Rafael Ramirez. *Ideologias Masculinas, Sexualidade y Prazer*, Universidade de Porto Rico; Anais Nin. *Em Busca do Homem Sensível*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1987; Elisabeth Badinter. *XY de L'Identité Masculine*, Ed. Ollille Jacobon, Paris, 1992. O número de livros e publicações sobre a condição masculina, nos EUA, Canadá, Inglaterra e França, nos informa Nolasco, aumentou consideravelmente ao longo da década de 70 e 80. Estes trabalhos buscam refletir sobre a *problematiza* masculina procurando razões tanto de ordem fenomenológica ou psicológica como social e política para compreender o que acontece com os homens hoje.

Compreendemos que as pessoas são condicionadas a tomar e exercer certos papéis que, por sua vez definem seu lugar dentro da sociedade, seu comportamento de si mesmo. Os papéis são, portanto, socialmente definidos e, mesmo que tenham uma base biológica, como, por exemplo, o sexo, não são instintivos, inatos ou simplesmente intuitivos. Masculinidade e feminilidade são construções *relacionais* e só podem ser compreendidas uma com referência a outra.

Também, Saffioti (1987) nos mostra que as relações de gênero,

“está linguisticamente impregnado do social, diferentemente do conceito de sexo, posicionado no plano biológico. Como nos mostrou Freud, a sexualidade se situa no âmbito das pulsões, implicando, portanto, uma identificação fantasmagórica e simbólica, onde se estrutura o desejo. Masculino e feminino, dentro desta acepção, está intimamente ligado à cultura.

*Existem outros estudos sobre gênero, enfocando a questão masculina realizados em outros países e no Brasil. Eles deverão ser objeto de estudo ao longo da pesquisa.**

Investigar e analisar as representações e as práticas discursivas dos homens de Fortaleza é um desafio que requer vários enfoques diferenciados. Tenho a certeza, no entanto, que, longe de ser um tema *menor*, como muitas vezes é considerado na academia, e pode nos revelar muitos aspectos culturais importante de uma cidade cuja *marca* mais saliente é o patriarcalismo. Está na hora de olhar *o coronel e o macho que dormita em nós* sob outras perspectivas. Não é *macho*?

ABSTRACT: This article is part of a more wide research project. It raise issues related to the crisis of the relationship between men and women, in a society where the impressions of patriarcalism are still strong.

Bibliografia

GIDDENS, Anthony. *As Transformações da Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Editora UNESPS - SP, 1992.

CARVALHO, Benedito José de. *Marcas de Família, Travessias no Tempo*. Editora Anablume, São Paulo, 2000.

Key words:

Gender Relations; Social Changes

- CALLIGARIS, Contardo. *Crônicas do Individualismo Cotidiano*. Editora Ática, SP, 1996
- SCOTT, Joan. *Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica*. In. Educação e Realidade, Porto Alegre, 1990.
- GOLDENBERG, Miriam. *O Macho em Crise*. In *Os Novos Desejos*. Editora Record, Rio de Janeiro, 2000.
- LASCH, Christopher. *Refúgio Num Mundo Sem Coração. A família: santuário ou Instituição sitiada ?* Editora Paz e Terra, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Editora Bertrand Brasil. 1999.
- _____ *A Conferência do Prêmio Goffman : A Dominação Masculina revisada*. Editora Papyrus, organizado por Daniel Lins. s/d.
- NOLASCO, Sócrates. *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1993
- _____ *A Deconstrução do Masculino*, Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1995
- _____ *Um Homem de Verdade*. São Paulo, Senac, 1997.
- VAITSNAM, Jeni. *Flexíveis e Plurais: Identidade, casamento e família em circunstâncias Pós-Modernas*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994.
- ROLNICK, Suely, *Tristes Gêneros e Machos & Fêmeas*. In. *A Dominação Masculina Revisada*, LINS, Daniel (org.), Editora Papyrus, s/d.
- BOECHAT, Walter. *O Masculino em Questão*. Editora Vozes. 1997
- ULSON, Glauco. *Ser Homem nos dias atuais*. in *Masculino em Questão*. Editora Vozes, 1997
- FIGUEIRA, Sérvulo. (org.) *Uma Nova Família ? O Moderno e o Arcaico na Família De Classe Médio Brasileira*, Jorge Zahar Editor, RJ, 1986.
- BADINTER, Elisabeth. *Sobre a Identidade Masculina*. Editora Nova Fronteira, 1993, RJ.

MURARO, Rose Marie. *Seis Meses em que fui homem*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1990.

COSTA, Ana Maria Nicolaci. *Mal Estar da Família: Descontinuidade e Conflitos entre Sistemas Simbólicos*. In Cultura e Psicanálise, Editora Brasiliense;

COSTA, Jurandir. *Sexualidade. in Macho, Masculino, Homem*. Porto Alegre, Editora, L&M

COSTA, Moacy. *Sexo: O Dilema do Homem*. Editora Gente, 1994, RJ

BARREIRO, Irllys Alencar Firmo. *A Dominação Masculina, de Pierre Bourdier*. In Revista De Ciências Sociais, UFC vol. 30 1/2 1999.